

ARTICULAÇÕES ENTRE POÉTICAS VISUAIS E ENSINO DE ARTE: MONOTIPIA NO CAMPO EXPANDIDO

Leandro Serpa – PPGAV/CEART/UDESC¹

RESUMO

O artigo pretende apresentar o caminho percorrido entre a gravura e o campo do ensino de arte, como um relato de caso da própria vivência situando minhas experiências como artista/professor no campo da arte/educação. Desta forma, a gravura ou o estudo de monotipias é o eixo gerador para a produção poética articulada ao campo ampliado e formas não tradicionais de produção ou mesmo, de ensino. O texto fundamenta-se em conceitos de pesquisa de prática artística na arte educação de Eisner (2002) e possui vínculo com meu projeto de Mestrado em Artes Visuais (PPGAV/UDESC).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Arte, Monotipia, Arte e Experiência.

O CAMINHO VIVENCIADO OU PERCORRIDO EM GRAVURA: OU DO BACHARELADO EM ARTES VISUAIS A LINHA DE ENSINO DE ARTE

Neste relato apresento o percurso que realizei desde o Curso de Bacharelado em Artes Visuais com tangenciamentos de pesquisa em poéticas visuais em meio a prática do ensino de arte. A meu ver, desde o início intersecciono pesquisa e ensino, embebidos (literalmente) na experiência da construção/produção e elaboração de monotipias, por isso chamo este processo de campo expandido. Também porque a monotipia não acontece de modo similar ao tradicional e sim uso procedimentos não convencionais.

Ressalto que foi fundamental para a formação e/ou educação de meu olhar as derivações sobre a pesquisa poética, ou seja, o fazer artístico. Assim como, também foi fundamental o meu contato com professores e pesquisas nas áreas de Gravura e Arte Moderna e Contemporânea. Foi nestes espaços e participando de projetos de pesquisa da Linha de Ensino de Arte, onde percebi articulação, vínculos e uma costura entre ensinar arte e produzir arte. Assim, tendo iniciado as experiências em poética visual me nutri destas

¹ Bacharel em Artes Plásticas (2011) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2011), com o TCC intitulado 'Marcas do Tempo, Futebol Fanáticos'. Professor/Bolsista de desenho em projeto de superdotação, coordenado pela professora Dra. Maria Cristina da Rosa (CEAD/PPGAV/UDESC) e pelo NAAH/S, Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação da FCEE (2010). Aluno de Pós-Graduação Mestrado em Artes Visuais (2013), na Linha de Pesquisa de Ensino de Arte, sob orientação da professora Dra. Jocielle Lampert..

pesquisas para as experiências que tenho realizado no o ensino desde 2008 através de oficinas, monitorias, ministrando aulas em escolas públicas (como professor convidado) e particulares (como professor regular), além de experiências com poéticas visuais abertas com artistas/pesquisadores no campo da Gravura.

Nesse processo o ensino “entrou” na poética visual pela via da experiência pratica, mediada pela investigação fundamentada na ação do ensino. Este movimento de poética-ensino-poética transformou-se em uma via de mão dupla, significada pela experiência na qual o professor aprende ao ensinar e ensina ao aprender, em contrapartida os estudantes que se nutrem da experiência projetam sua reflexão sobre o cotidiano e seu contexto significativa, conforme as reflexões de Eisner (2002).

Acredito que seja possível as articulações entre poéticas visuais e ensino de arte, que se constitui em uma forma aberta de experimentação que leva a criação e contribui para a reflexão e a formação de sujeitos participantes, capazes de ressignificar criticamente a sociedade espetacular, onde não há regras e estruturas definidas, ou mesmo, onde somos desafiados a formular e tomar decisões na ausência de regras, de acordo com Eisner (2002).

A Monotipia que é a base do estudo que desenvolvo e que serve de dialogo investigativo na pratica de ensino, é uma “modalidade ou linguagem” da gravura bastante subversiva aos meios tradicionais de gravação da linguagem gráfica que exigem uniformidade e tiragens em séries numeradas, uma vez que entre sua peculiaridade está a impossibilidade de repetição da imagem. Seu caráter único a aproxima da pintura, sendo reconhecida como um processo intermediário entre a gravura e a pintura.

Exemplo disso, no Brasil são artistas como Carlos Vergara, Daniel Senise e Nuno Ramos que partindo do estudo pintura alcançaram a ampliação do gesto, através da experimentação livre conferida a monotipia. Segundo Resende (2002) ‘a monotipia, até meados dos anos 90, não era aceita oficialmente como uma forma de gravura, embora sua existência remonte ao século XVII, com o artista italiano Benedetto Castiglione (1616 – 1670) e que Edgar Degas, Edvard Munch, Paul Gauguin, entre outros artistas também a experimentaram’.

A monotipia que possui caráter autônomo de irrepitibilidade e variedade na serialidade surge subvertendo os códigos de identificação conferidos a Gravura que exigiam cópias de reprodução ou artísticas ‘fiéis’ e seriadas/numeradas de acordo com o padrão de semelhança e proximidade.

Conforme a definição de Catafal em ‘A Gravura’, o Monotipo, (monotype, monotypie); trata-se de uma estampa realizada sem matriz e, portanto, alheia a uma tiragem. Pinta-se ou desenha-se com qualquer tinta sobre uma superfície, para posteriormente se pressionar de forma manual ou mecânica até se conseguir uma estampa única e irrepitível. Catafal, (2003). Pode ser observado a partir da definição dada pelo autor o caráter subversivo

conferido a monotipia que hibridiza entre mídias alcançando o conceito de cultura visual em seu sentido amplo abrangendo o estudo das imagens pela via do acontecimento a partir da experimentação.

O CAMINHO VIVENCIADO OU PERCORRIDO EM GRAVURA: OU DO BACHARELADO EM ARTES VISUAIS A LINHA DE ENSINO DE ARTE. DA PESQUISA POÉTICA VISUAL AO ENSINO DA MONOTIPIA NO CAMPO EXPANDIDO.

Na oficina imagem-palavra realizada em 2008 a poética visual da pesquisa foi apresentada a estudantes do ensino médio de uma escola pública de Florianópolis e a acadêmicos da universidade do estado de Santa Catarina, UDESC, correlacionado a apresentação de imagens do procedimento e as falas que proferi sobre o processo.



Figura 1: procedimento de monotipia no campo expandido, 2008.

Ocorreu uma oficina prática na qual os estudantes tiveram acesso mediado aos procedimentos do artista/professor pesquisador e absorveram a experiência que se consubstancia no espaço/tempo através da experiência prática na qual os estudantes projetaram suas inquietações, por meio da imersão de papel em pigmentos, através da incursão na paisagem onde dela extraíram palavras, elementos, imagens, cores e a marcação que registrou o tempo em placas de madeira.

Na monitoria na sala de gravura da Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, entre 2009 – 2010 se colocou em cena uma experiência reflexiva, que tinha em sua base suportes papéis, tecidos, vidros dentre outros materiais e meios da linguagem gráfica como xilogravura, ponta seca, água-forte, água-tinta, serigrafia, litogravura e monotipia. Neste período a prática de ensino foi potencializada pela troca de experiência e da educação do olhar para os procedimentos de ensino/aprendizagem da gravura no espaço do estúdio de arte e suas limitações e evidência para o processo criativo.



Figura 2: experiências de ensino com a linguagem na sala de gravura da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob supervisão da professora Sandra Favero, 2009.

Ainda em 2010 monitorei um estudo de caso em Altas Habilidades em desenho e literatura. Tratava-se de um Projeto de ensino e pesquisa com vistas ao acompanhamento de aluno superdotado encaminhado pela Fundação Catarinense de Educação Especial, FCEE. O objeto da atividade consistiu em acompanhar e assessorar tecnicamente o estudante Alberto no que tange a atividade de desenho a princípio tendo sido as atividades versadas também sobre literatura, musica, desenho animado e cultura visual.



Figura 3: Estudo de caso de Alta Habilidade para as Artes com aluno Alberto em projeto de superdotação, coordenado pela professora Dra. Maria Cristina da Rosa (CEAD/PPGAV/UDESC) e pelo NAAH/S, Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação da FCEE (2010).

O acompanhamento apresentou um desfecho satisfatório perceptível através dos trabalhos executados ao longo do semestre por Alberto. Ao fim do semestre era perceptível a alteração e ganho de qualidade em seu desenho no que diz respeito à compreensão de linha, luz, sombra e volume. Os últimos desenhos do estudante Alberto apresentavam um valor de tom e composição de boa qualidade além de uma boa leitura e compreensão do corpo humano desenhado a partir de observação direta.



Figura 4: Alberto desenhando em projeto de superdotação, coordenado pela professora Dra. Maria Cristina da Rosa (CEAD/PPGAV/UDESC) e pelo NAAH/S, Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação da FCEE (2010).

O fator de maior importância evidenciado ao fim do acompanhamento foi o interesse despertado em Alberto por continuar o projeto e também a relação humana que estabelecemos. Construímos um convívio de trocas e diálogos de nível comum, teórico e erudito com nítido ganho para ambos e principalmente a transformação do olhar de Alberto, fato perceptível na transformação de seus desenhos ao longo dos meses de acompanhamento.

A experiência de ensino num caso com rara bibliografia a respeito teve potencial investigativo ímpar para a prática de ensino uma vez que os registros gerados serão base e fonte de referência para futuros estudos de caso neste assunto.

A prática de ensino teve como princípio a investigação participante na qual fundamentos da linguagem visual e imagens da cultura visual como imagens de revistas especializada em desenho animado e músicas de preferência do estudante, além de questões de composição medieval como a indumentária, armamento e a formalização dos brasões medievais foram elementos fontes de discussão a cerca da imagem e da alta habilidade testada e comprovada mediante e exercícios investigativos nos quais se presentificou a Alta Habilidade precoce de Alberto para as Artes.

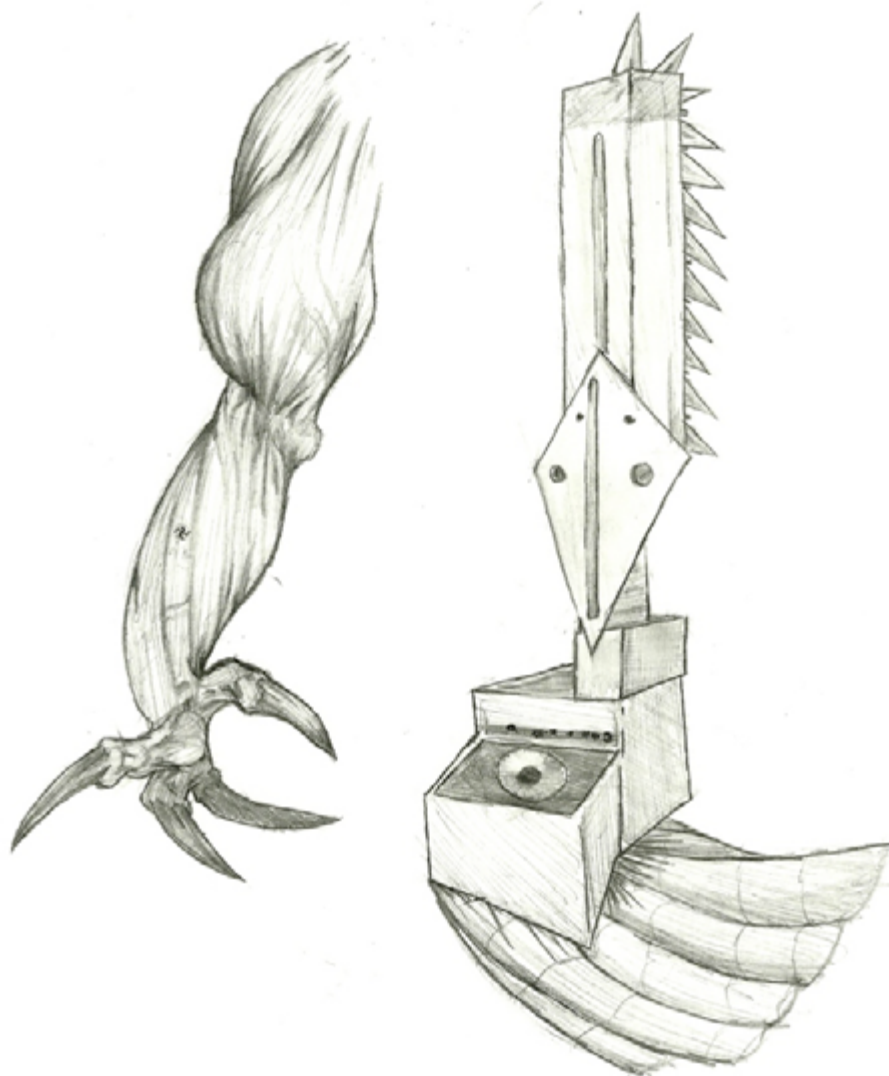


Figura 5: estudos visuais de Alberto em projeto de superdotação, coordenado pela professora Dra. Maria Cristina da Rosa (CEAD/PPGAV/UDESC) e pelo NAAH/S, Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/ Superdotação da FCEE (2010).

O CAMINHO VIVENCIADO OU PERCORRIDO EM GRAVURA: OU DO BACHARELADO EM ARTES VISUAIS A LINHA DE ENSINO DE ARTE. DESDOBRANDO A POÉTICA VISUAL SOBRE ENSINO COM A MONOTIPIA NO CAMPO EXPANDIDO.

É importante evidenciar o desdobramento da monotipia no campo expandido, sobre o potencial criativo, em meio ao repertório do sujeito participante que inventa/cria e elabora o pensamento visual. Além disso, condiciona-se o saber prático/teórico/reflexivo/crítico

ao deslocamento sobre a articulação entre o conteúdo de arte e o contexto (repertório/cotidiano). O conjunto da problemática está inserido em minhas práticas como professor/artista/pesquisador, em oficinas de monotípias, desenho e pintura e desenvolvimento de projetos vinculados ao SESC – Tijucas/SC, SESC – Chapecó e a ateliês livres de gravura nos quais a experiência aberta/livre e o acontecer das imagens são os eixos norteadores que permitem a descoberta e a reflexão através da prática poética e da visualização do processo de criação e imagem. Nesta investigação, propõem-se desenvolver ações metodológicas, voltadas as práticas de ver/estar no mundo, tendo como eixo gerador a monotipia no campo expandido desdobrada sobre a perspectiva da cultura visual.

Desta forma, chego ao Mestrado em Artes Visuais. Articulando meu pensamento visual, meu processo criativo como artista ao ensino me posicionando como artista/professor. Desta forma, a proposta de ensino para a Arte e Arte/Educação na perspectiva contemporânea que apresento, possui caráter amplo que supera as definições de mídias e formalizações espaciais de ateliê. Nesta proposta a prática de ensino é aberta, livre de convenções midiáticas ou demarcações físicas, que até então pressupunham o ensino de gravura. Trata-se do ensino no campo ampliado que possui práticas de ensino/aprendizagem correlacionadas com espaço/tempo da experimentação, estando mesmo sujeita as intempéries e aos desníveis da geografia ou da agitação, (burburinho) urbana.



Figura 6: experiências visuais em ensino com a monotipia no campo expandido no Ateliê Árvore da Felicidade, 2013. Fotografia: José Carlos Rocha.

Esta prática de ensino/aprendizagem se dá no espaço e a realização e formalização da experiência transcorre no tempo. Os resultados ou as imagens geradas na prática de ensino/aprendizagem da monotipia no campo expandido agregam fatores em que até mesmo o acaso; o acontecer sem regras pré-estabelecidas ou intenção é fator pertinente. Assim sendo o acontecer das imagens transcorre ao 'sabor' do tempo que é o 'motor' das mudanças e o espaço é o lugar do acontecimento das imagens e da prática de ensino em si.

Os educandos inseridos nesta modalidade de ensino/aprendizagem são confrontados com a descoberta e a reflexão a partir da experiência aberta na qual o acontecer das imagens mediadas pelo procedimento de monotipia se dá a perceber levando-os a vislumbrar possibilidades e conexões imagéticas inseridas no contexto da cultura visual contemporâneo e a conseqüente ampliação do saber pela via experimentação.

Tal prática apresenta em sua conformação ampliações sensoriais que possibilitam a experiência através dos demais sentidos do ser humano que não somente o visual. Aqui está inserido o olfato dado o odor dos materiais utilizados e a oficina instalada em campo expandido; 'os cheiros do lugar' adentram a prática criativa, além do olfato cito a audição, pois aqui está inserido o vento, a brisa marinha, o cantar dos pássaros, e o barulho da água com doses de pigmento tingindo-a. Apresento o tato como sentido de toque e sensação a partir da manipulação e da junção de matrizes, papéis, suportes e imagem. Informo também sobre a experiência do olhar que não é a essencial, nem mais nem menos, e sim um dos órgãos dos sentidos que se abrem a experiência, cito também a fisiologia dos corpos em movimento deslocando papéis, mergulhando em recipientes com pigmentos e colocando sobre matrizes deixando ao tempo que se encarregue da gravação e inserção dos sentidos presentes na experiência.

O que seria a monotipia no campo expandido senão uma modalidade de ensino/aprendizagem onde os sentidos estão envolvidos na poética criativa, na qual o espaço/tempo se insere promovendo sensações físico/sensoriais onde materiais; aglutinantes, tintas, vernizes, matrizes, suportes, papéis são instrumentos de investigação aberta sob a qual a imagem se conforma como uma marca, um resquício de intenções, concepções, crenças e saberes que se formam. Assim sendo a monotipia seria o catalisador de interações entre sensações, matérias e intenções provocariam o acontecer de imagens dadas a investigação sob o signo da cultura visual no contexto contemporâneo.

Como potência para o ensino de arte, na perspectiva da cultura visual, a monotipia no campo expandido permite o desdobramento entre o conteúdo de arte e o contexto, assim como, permite a elaboração de artografias, conforme aponta Rita Irwin (1995), ou ainda, permite elaborar um pensamento visual entre a prática artística voltado para o contexto de ensino/aprendizagem, seguindo o pensamento de Sullivan (2004) e Lampert (2009). Tendo em vista as teorias de Eisner (2005) e Dewey (2010).

Na abordagem para uma prática de ensino/aprendizagem da Arte e Arte/Educação, na contemporaneidade fundamentada sob a proposta da Monotopia no Campo Expandido sobressai-se a possibilidade de experiência que envolve/absorve a sensação espacial, temporal e sensorial do estudante envolvido na prática investigativa e criativa.

Por essa via a metodologia de aprendizagem imersa no espaço/tempo que ativam os sentidos e as sensações dos participantes em meio a uma forma de ensino/aprendizagem aberta/livre, por assim dizer sem regras de forma/conteúdo e espaço que competem à tradição do ensino; dito de outro modo afirmaria que a forma aberta/livre que proponho, visa absorver o espaço físico e sensorial à experiência do estudante. Sendo uma forma nova que possibilita a investigação, compreensão e criação pela via da sensação no campo expandido do espaço/tempo/experiência.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, T. (1995). **Redescobrimo a ligação entre as artes**. Educação Artística Policy Review, Heldref Publicações. 96: 10. (Rita Irwin – livro escolhido sobre artografia). <http://m1.cust.educ.ubc.ca/artography/index.php>. Acessado em 02/01/2013

CATAFAL, J; OLIVA, C. **A Gravura**. Lisboa: Estampa, 2003.

DEWEY, J. **Arte como Experiência**; org. Jo Ann Boydston; tradução Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins Fontes, 2010. – (Coleção Todas as Artes).

EISNER, E. **Educar la visión artística**. Buenos Aires – Argentina: Paidós Educador, 2005.

LAMPERT, J. **Arte contemporânea, cultura visual e formação docente**. 2009 159 f. Tese (Doutorado Escola de Comunicações e Artes – ECA) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

RESENDE, R. **Os Desdobramentos da Gravura Contemporânea**. São Paulo: Itaú Cultural, 2002.

SULLIVAN, G. **Art Practice as Research**. NYC/USA: SAGE, 2009